

SÍMBOLOS DO PODER NOS PROVÉRBIOS E NAS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS *MABAYA MANZANGU* DOS BAWOYO DE CABINDA – ANGOLA

Carlos Serrano*

SERRANO, C. Símbolos do poder nos provérbios e nas representações gráficas *Mabaya Manzangu* dos Bawoyo de Cabinda-Angola. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, S. Paulo, 3: 137-146, 1993.

RESUMO: O autor analisa alguns símbolos do poder associados a representações gráficas esculpidas em tampas de panela (*Mabaya Manzangu*) e a enunciação de provérbios utilizados entre os Bawoyo de Cabinda (Angola) como processo ritual de solucionar tensões e conflitos familiares.

UNITERMOS: Cabinda (Angola) – Bawoyo – Representações gráficas – Símbolos do poder – Provérbios.

Na maioria das sociedades tradicionais africanas, sociedades orais, a transmissão de toda herança cultural tornou vital a importância do elo que une o homem à palavra. É pela palavra que se pode reconstituir a história tradicional de um povo, mas também a própria coesão da sociedade depende do valor e respeito à palavra.

Nas tradições africanas, a palavra falada, além de seu valor moral fundamental, possui um caráter sagrado que associa à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Sendo agente mágico por excelência e grande vetor de “forças etéricas”, não pode ser usada levemente, como nos ensina Amadou Hampaté Bâ. Segundo a tradição africana, a palavra que retira do sagrado seu poder criador e operativo, encontra-se em relação direta tanto com a manutenção como com a ruptura da harmonia, seja do homem seja no mundo que o

cerca. Porque o homem é o suporte privilegiado da força vital que anima a palavra e neste princípio podemos compreender melhor o contexto mágico religioso e social no qual se situa o respeito pela palavra nas sociedades de tradição oral.

Em alguns trabalhos atuais de Antropologia, analisa-se a religião e a magia como crenças e técnicas de manipulação do mundo e do homem, que só adquirem sentido quando relacionadas a um conjunto mais amplo: toda a concepção do mundo e da sociedade elaborada por um grupo humano. Ultrapassou-se assim o plano dos fatos mágico-religiosos, que são apenas o aspecto mais espetacular de uma “realidade” ideológica bem mais ampla.

Mauss referindo-se à noção de “mana”, localiza o conceito de força espiritual (não confundir com força vital) como a essência do mágico, comparável ao nosso conceito de “força mecânica”, e capaz de assimilar o mágico ao mais geral princípio de causalidade (Tambiah, 1968:202).

Como Tambiah, podemos analisar os rituais, como uma linguagem dirigida aos participantes e os usos da técnica como tentativas de

(*) Departamento de Antropologia da FFLCH e Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Tempo ritual e eficácia simbólica

——>[continuação do discurso]——>[nova interrupção] (...) ——>

——>[retorno à totalidade]
[(...) (ancestrais)]

——>[a comunidade expressa]——>
[o todo e a harmonia]

Exemplo:

A benu sianu abu ti ioh! (...) Ioh! Ioh!

Ioh, ioh ibika ba (...) Bakulu!

Bakulula (...) Nhiundu!

Ó gente dizei todos sim! (...) Sim! Sim!

O que deixaram os nossos (...) Antepassados!

Nossos antepassados (...) Opinem!

Se tais processos correspondem àquilo que o poderíamos chamar de "situações-microcosmos", por analogia temos os "objetos-microcosmos" que podem cumprir as mesmas funções rituais.

A palavra torna-se silenciosa, mas está presente, ela é incorporada, materializada em objetos, esculturas, representações gráficas, seu novo suporte. Como muito bem explica Cartry: "os signos comandam as 'coisas', e o artesanão dos signos, longe de se tornar um simples imitador, completa sua obra que lembra a obra divina".

O provérbio expressa em si uma forma de memorizar a experiência humana, com fins moralizadores, no que se pode denominar um saber mnemônico (Cornet, 1980:24). O recurso a práticas mnemotécnicas são comuns a quase toda a África tradicional para fixar o saber de seus ancestrais. No entanto, entre os Bawoyo esse sistema de transmissão de provérbios se revela eficaz se analisado através de suas representações gráficas.

A expressão mais adequada deste suporte da palavra proverbial, entre os Bawoyo, é nos fornecida pelos discos de madeira (*mabaya nzunga*, singular: *libaya linzunga*), que contém

representações icônicas enunciando provérbios. Nestes discos, os símbolos provérbios distribuem-se da seguinte forma: o símbolo principal situa-se no centro do disco remetendo ao provérbio principal e outros símbolos menores situam-se periféricamente àquele enunciando provérbios complementares.

As representações icônicas elaboradas por este sistema operam pela transmissão direta, ou mais frequentemente por um processo que procede pela analogia, pela metáfora, pela metonímia ou pela homofonia. A maior parte das representações e dos símbolos referem-se a um provérbio, cujo contexto sócio-cultural fornece seu valor à função semântica desse sistema (Maensen, s/d).

Entre os Bawoyo, o provérbio é um dos meios de comunicação que melhor expressam seu pensamento, sua visão de mundo, pelo seu uso constante. Há provérbios para todos os momentos da sua vida. São enunciados, muitas vezes, em momentos de tensão como de recriminação ou recomendação de um dado comportamento.

É o caso do momento em que é ofertado o alimento, em uma panela de barro coberta por uma tampa de madeira esculpida com um ou mais símbolos, à pessoa à qual se quer enviada determinada mensagem com aquela finalidade (ver figura 1). Esta oferta se faz publicamente porque normalmente o consumo de alimento também se dá desta forma. Ao se explicitar ritualmente a tensão existente procura-se evitar que se gerem conflitos maiores, futuramente.

Estas tampas de madeira (esculpidas geralmente em *Crossopterix febrifuga*), são usadas pelos membros de uma família (*nkanda*), ou



Fig. 1 - Panela de barro com tampa de madeira esculpida contendo provérbios utilizada pelos Bawoyo para envio de mensagens.

por vezes ao serviço dos chefes de linhagens (*nfumu nkanda*). E, ao chefe o dever de mostrar suas insígnias como diz o provérbio:

*"Chinkanda njeie biala chiau
ubeka nlongo, muna ukebila bantu".*

*"As insígnias, tu governas com elas
toma conta dos valores, para que possas
tomar conta das pessoas".*

Entre os símbolos do poder ou insígnias de autoridade que na tradição ocidental se

denomina "*regalia*" citaremos aqueles que mais comumente encontramos nos *Mabaya Nzunga* bem como seu significado na linguagem proverbial.

I- Texto da figura 2

A figura principal desta tampa é um duplo sino (*ngonge*), símbolo do poder com o mesmo significado em várias regiões da África. Ele é utilizado para anunciar a presença do chefe nas reuniões oficiais, na administração

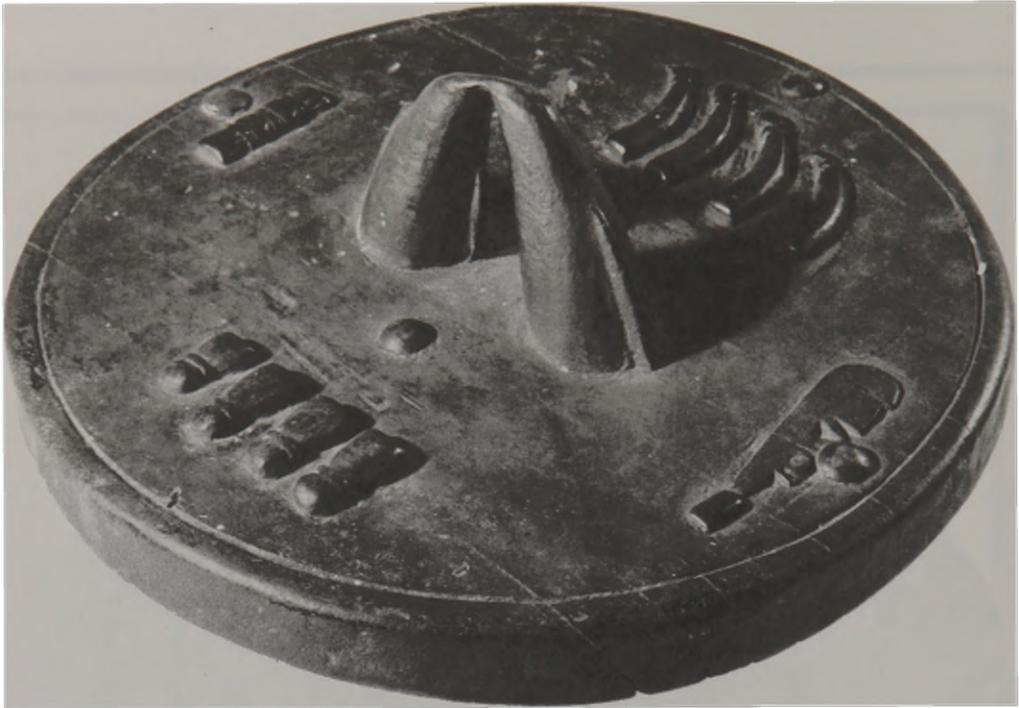


Fig. 2 - Tampa esculpida, libaya linzungu. Foto Museu de Etnologia, Lisboa.

da justiça, nas comunicações reais, num anúncio de luto de gente importante, ou de uma investidura real. Como diz o provérbio:

Mbembo fumu mu siku

A voz do chefe, é a dos instrumentos

Este provérbio refere-se não só ao duplo sino mas a todos os instrumentos que são insígnias do poder, trompas de marfim (*zi mpungi*), tambores pequenos (*kula*) e tambores grandes (*ngoma*) que também aparecem nesta tampa.

Existe, porém, um provérbio para cada um dos elementos, assim temos para o duplo sino:

Ono ke ngonge nfumu nene

ono u kambua ngonge chi nfumu nene ko

Quem tem duplo sino é chefe grande

Quem não tem duplo sino não é chefe grande.

As trompas de marfim (*zi mpungi*), enuncia um provérbio complementar que completa ou reforça o sentido do principal:

Ntanda zi mpungi:

Bakulu b'ami babika.

Fila de trompas:

Deixaram-me os meus antepassados.

Para os tambores pequenos (*kula*), temos:

Abu bisikila ikula

Fumu to, nfiote ve.

A quem se tocam os kula:

É um chefe grande, não é a pequeno.

Uma outra insígnia do poder presente neste testo é a *kimpabala* (também *kimpaba*) ou faca da chefia, espécie de cutelo de metal (também existe de marfim) com diferentes recortes num dos gumes conforme a linhagem nobre a que pertença. Sua designação parece provir do verbo *kimpakubala* que em kikongo significa: poder ou faculdade de se tornar invisível. Por analogia parece ser o seu verdadeiro significado porque o chefe, detentor desta insígnia, não necessitava estar presente para dar ordens ou resolver questões. Enviava um ajudante ou emissário



Fig. 3 - Tampa esculpida, libaya linzungu. Foto M.R.A.C. Tervuren.

(*bimpabas*) com a *kimpaba* para ser respeitado ou obedecido. Diz-se:

Kimpaba:

Ono ubika Kiau, nfumu nene.

Kimpaba:

*Quem a deixa (por herança) é sinal,
de ter sido um chefe.*

Na outra extremidade do testo um outro símbolo chama-se *mbondo-fula*, espécie de embrulho das insígnias de chefia, envolvidas com um tecido chamado *lubongo lufúla*, tecido vegetal da fibra de *nkunza*. Este embrulho, *mbondo-fula*, tal como a *kimpaba* é um símbolo que faz obedecer aquele que era seu portador, para resolver questões, por isso diz-se:

*Monti na Muba mona Mbondo-fula,
kanu ma Ntende ku siá viá kó.*

*Se Muba tivesse visto o Mbondo-fula,
o povo (aldeia) Ntende nunca seria quei-
mado.*

Este provérbio recorda um acontecimento histórico de uma aldeia que teria sido queimada em guerra porque não respeitou a negociação de paz que devia se realizar pela presença desta insígnia. Por analogia também lembra que a família (*nkanda*) protege-se mesmo que esteja distante.

Os provérbios desta tampa em síntese expressam a necessidade de reconhecimento da autoridade ou da chefia que por extensão pode ser o chefe da família (*nkanda*). Na organização matrilinear dos Bawoyo compete ao tio materno este poder. Por isso, esta mensagem é provavelmente enviada a seu sobrinho ou restantes familiares lembrando seus deveres para com ele.

II - Texto da figura 3

A representação é de duas braceletes de cobre (*iluunga*), usadas nos tornozelos, além de adorno eram considerados, no passado, bens de prestígio feminino oferecidos pelo marido

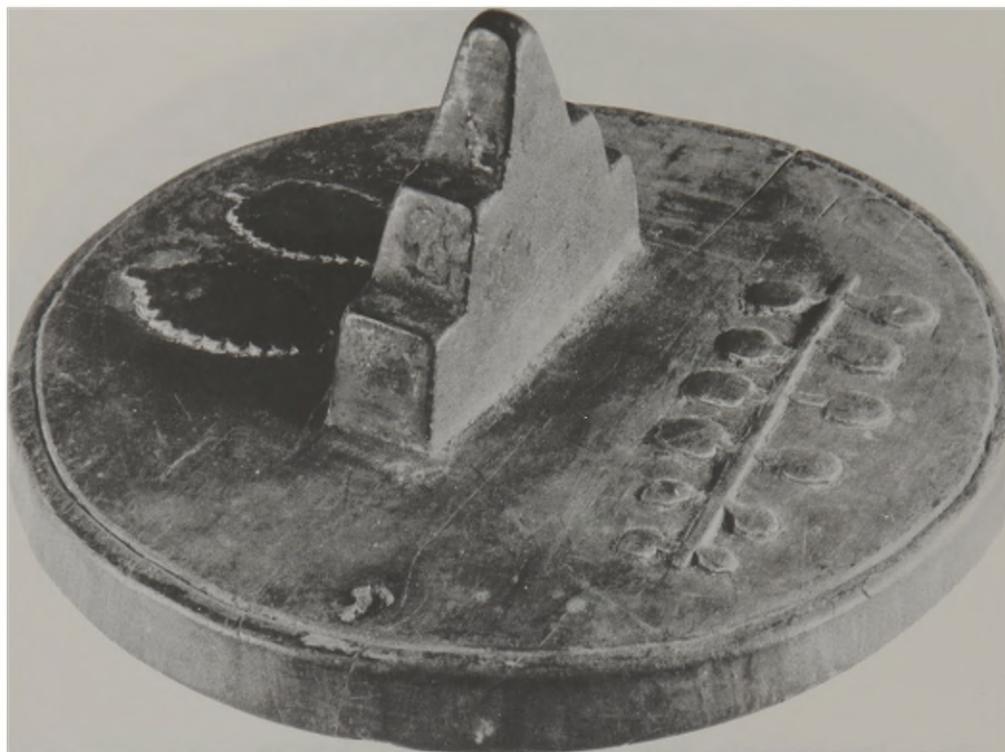


Fig. 4 - Tampa esculpida, libaya linzungu. Foto Museu de Etnologia, Lisboa.

à mulher. A enunciação do provérbio esbelece um diálogo entre os dois:

- *Botula iluunga ke sizina:*
- *miinu muntu , miinu lendeze.*

- *Tire os braceletes, têm piolhos.*
- *Eu homem, me ofendes.*

A esposa ao enviar este testo ao seu marido recrimina de suas discussões por motivos fúteis e desrespeitoso enquanto ela cumpre com os seus deveres. Lembra-lhe assim sua origem social e seu tratamento adequado.

III - Texto da figura 4

O provérbio principal está materializado nesta tampa num caixão de três pontas só usado pelos chefes. Diz-nos:

Lukata la matumbi matatu:
ona wiziamina luau nfumu kanda.

Um caixão de três pontas:
aquele que é enterrado com ele é chefe de família.

O caixão de três pontas não só lembra o dever dos mais novos darem um enterro condigno a seus mais velhos (*mukuluntos*) mas também a origem e posição social de um dos elementos que envia a mensagem. o provérbio complementar vem refoçar esta idéia:

Titi chi Lelele i titi chi Nkamba
Monti ku sié zaba kó tumuna,
mé tumuna china chi ké mbongo.

Planta Lelele e planta Nkamba
Quando não a distingues,
és capaz de arrancar a que serve para comer.
(e deixar a erva daninha)

A mensagem é a de saber aquilo a que realmente deve ser dado valor. Quais as pessoas



Fig. 5 - Tampa esculpida, libaya linzungu. Foto Museu de Etnologia, Lisboa.

que têm valor e por isso devem ser tratadas dignamente.

IV - Texto da figura 5

Esta figura representa quatro pombos disputando o mesmo grão de amendoim. O provérbio diz:

*Bana bana banguli binuanina bueno
Ona bela-tumba nandi wela baka buau.*

*As crianças de uma mesma mãe disputam
a sabedoria: aquele que foi escolhido,
é aquele que a leva.*

Esta figura não representa nenhum símbolo do poder mas materializa a disputa pelo poder, faz alusão à sucessão da chefia dentro da família. É o tio materno que detém esse poder que deverá, quando velho, preparar o seu sucessor entre os diversos filhos de sua irmã, mas não neces-

sariamente o mais velho. No entanto, esta tampa analisada num outro contexto, isto é, quando é enviada a um homem polígamo pode constituir numa advertência na escolha dos favores de uma delas em detrimento de uma outra. (Cornet, 1980:40).

A manipulação de signos e símbolos materializados que caracterizam e legitimam a linguagem do poder para instaurar a ordem constitui uma constante nas diversas esferas da vida social.

Como já afirmamos (Serrano, 1983:40), o imaginário social produzido pelo poder traduz a associação metonímica com os ancestrais e metafórica com as forças naturais como mecanismo legitimador que dá sentido aos símbolos codificados e os torna eficazes na resolução de conflitos.

A linguagem proverbial materializada nos símbolos das *Mabaya Manzangu* constituem um exemplo estético do processo ritual anterior-

mente referido na esfera das relações familiares tradicionais. Porém, a importância cada vez maior da família monogâmica e a diminuição de poder dos chefes tradicionais, no contexto moderno, tem conduzido ao desaparecimento deste processo da troca simbólica de mensagens

entre os Bawoyo. O provérbio diz por si:

*Ngoyo iéki muaia:
lesiala ko nfumu ina itúma.*

*O Ngoyo está vazio:
Não ficou chefe para mandar.*

SERRANO, C. Symbols of power in the proverbs and graphic representations *Mabaya Manzangu* of the Bawoyo of Cabinda-Angola. *Rev. do Museu de Arqueologia*, São Paulo, 3: 137-146, 1993.

ABSTRACT: This article analyses some symbols of power in graphic representations sculptured in top lids (*Mabaya Manzangu*) and the enunciation of proverbs used among the Bawoyo of Cabinda (Angola), as the ritual process for solving the tensions and conflicts in family relations.

UNITERMS: Cabinda (Angola) – Bawoyo – Graphics Representations – Symbols of Power – Proverbs

Referências bibliográficas

- COELHO, José Gonçalves (1950) A materialização dos provérbios entre os negro-africanos e especialmente entre as gentes de Cabinda. *Mensário Administrativo*, 31-32:41-54.
- CORNET, Joseph (F.S.C.) (1980) *Picto-graphies. Woyo*. Milano, Association "PORO", 141 p. (Quaderni PORO, 2)
- DICIONÁRIO PRÁTICO (1947) Português-Fiote, Cabinda, Edição da Tipografia da Missão Evangélica de Angola, 105 p.
- HAMPATE BÂ, A. (1979) A palavra, memória viva da África. *O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, 10/11:17-23.
- KARREMANS, R. (1971-2) *Études d'une collection de couvercles Woyo*, mémoire de licence dirigé par monsieur Luc de Heusch. Histoire de l'Art et Archéologie, Année académique 1971-2. Université Livre de Bruxelles, 73 p.
- MAESEN, A. (s.d.) Commentaire des planches: disque à proverbes. *Umbangu (Art en Belgique)*, 3), MRAC.
- MARTINS, Pe. Joaquim (1980) *Sabedoria Cabinda*. Lisboa, JIU, 2v.
- MCGUIRE, H. (1980) Woyo Pot Lids. *Africans Arts*, XIII, 2, février: 54-6.
- SERRANO, Carlos M.H. (1983) *Os Senhores da Terra e os Homens do Mar*. São Paulo, FFLCH/USP (Coleção de Antropologia, 2), 175 p.
- SOUSBERGHE, (L.) S.J. (1955) L'Étude du droit coutumier indigène, méthode et obstacles. *Zaire*, Bruxelles, IX-2:339-357.
- TAMBIAH, S. J. (1968) The Magical Power of Words. *Man*, 3 (2):176-208.
- VAZ, Pe. José Martins (s.d.) *Testos de Panela dos Cabindas em Museus Americanos*. Lisboa, Editorial LIAM.
- (1969) *Filosofia Tradicional dos Cabindas*. Lisboa, AGU, 2v.
- (1976) *Les Couvercles Sculptés des Cabindais (Mabaia ma Nzungu) Moyen de communication familiale*. Thèse de Doctorat du 3e. cycle, Paris, EHESS, 306 p.
- VERGANI, Teresa (1988) Um discurso conjugal em relevo: para uma descodificação posicional das figuras esculpidas nos *Mabaia Manzangu* de Cabinda. *Revista Internacional de Estudos Africanos*, 8:93-155.
- ZOLA, Nicolas (1960) Proverbes des Bawoyo. *Carnets Ngonge*, Kinshasa, 4:2.
- (1965) Proverbes des Bawoyo. *Carnets Ngonge*, Kinshasa, 19:4.

Recebido para publicação em 21 de junho de 1993.